

MANOEL DE BARROS

Memórias Inventadas

A Segunda Infância



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [*Le Livros*](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente

repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na

busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tudo o que não invento é falso.





MEMÓRIAS INVENTADAS

A Segunda Infância

Manoel de Barros
Iluminuras de Martha Barros

 Planeta



Manoel por Manoel

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para

catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um

pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Estreante

I



Fui morar numa pensão na rua do
Catete.

A dona era viúva e buliçosa
E tinha uma filha Indiana que dava
pancas.

Me abatia.

Ela deixava a porta do banheiro
meio aberta

E isso me abatia.

Eu teria 15 anos e ela 25.

Ela me ensinava:

Precisa não afobar.

Precisa ser bem animal.

Como um cavalo. Nobremente.

Usar o desorgulho dos animais.

Morder lambar cheirar fugir voltar

arrodear

lambar beijar cheirar fugir voltar

Até.

Nobremente. Como os animais.

Isso eu aprendi com minha

namorada indiana.

Ela me ensinava com unguentos.

Passava unguento passava

unguento passava unguento.

Dizia que era um ato religioso
foder.

E que era preciso adornar os
desejos com unguento.

E passava unguento e passava
unguento.

Só depois que adornava bem ela
queria.

Pregava que fazer amor é uma
eucaristia.

Que era uma comunhão.

E a gente comungava o Pão dos
Anjos.

Lacraia

II



Um trem de ferro com vinte vagões quando descarrila, ele sozinho não se recompõe. A cabeça do trem ou seja a máquina, sendo de ferro não age. Ela fica no lugar. Porque a máquina é uma geringonça fabricada pelo homem. E não tem ser. Não tem destinação de Deus. Ela não tem alma. É máquina. Mas isso não acontece com a

lacreia. Eu tive na infância uma experiência que comprova o que falo. Em criança a lacraia sempre me pareceu um trem. A lacraia parece que puxava vagões. E todos os vagões da lacraia se mexiam como os vagões de trem. E ondulavam e faziam curvas como os vagões de trem. Um dia a gente teve a má idéia de descarrilar a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem. Cortamos todos os gomos da lacraia e os deixamos no

terreiro. Os gomos separados como os vagões da máquina.

E os gomos da lacraia começaram a se mexer. O que é

a natureza! Eu não estava preparado para assistir

àquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram

a se mexer e se encostar um no outro para se emendarem.

A gente, nós, os meninos, não estávamos preparados

para assistir àquela coisa estranha.

Pois a lacraia

estava se recompondo. Um gomo

da lacraia procurava o seu parceiro parece que pelo cheiro. A gente como que reconhecia a força de Deus. A cabeça da lacraia estava na frente e esperava os outros vagões se emendarem.

Depois, bem mais tarde eu escrevi este verso: Com pedaços de mim eu monto um ser atônito. Agora me indago se esse verso não veio da peraltagem do menino. Agora quem está atônito sou eu.

Pintura

III



Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é

defeito de
nascença isso. Igual como a gente
nascesse de
quatro olhares ou de quatro
orelhas. Um dia tentei
desenhar as formas da Manhã sem
lápis. Já pensou?
Por primeiro havia que humanizar a
Manhã.
Torná-la biológica. Fazê-la mulher.
Antesmente
eu tentara coisificar as pessoas e
humanizar as
coisas. Porém humanizar o tempo!
Uma parte do
tempo? Era dose. Entretanto eu

tentei. Pintei sem
lápis a Manhã de pernas abertas
para o Sol. A
manhã era mulher e estava de
pernas abertas para
o sol. Na ocasião eu aprendera em
Vieira (Padre
Antônio, 1604, Lisboa) eu
aprendera que as
imagens pintadas com palavras
eram para se ver de
ouvir. Então seria o caso de se ouvir
a frase pra
se enxergar a Manhã de pernas
abertas? Estava

humanizada essa beleza de tempo.
E com os seus
passarinhos, e as águas e o Sol a
fecundar o
trecho. Arrisquei fazer isso com a
Manhã, na cega.
Depois que meu avô me ensinou
que eu pintara a
imagem erótica da Manhã. Isso
fora.

Oficina

IV



Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar descomparado, uma Oficina de Desregular a Natureza. Mas faltou dinheiro na hora para a gente alugar um espaço. Ele propôs que montássemos por primeiro a Oficina em alguma gruta. Por toda

parte existia gruta,
ele disse. E por de logo achamos
uma na beira da
estrada. Ponho por caso que até foi
sorte nossa. Pois
que debaixo da gruta passava um
rio. O que de melhor
houvesse para uma Oficina de
Desregular Natureza!
Por de logo fizemos o primeiro
trabalho. Era o
Besouro de olhar ajoelhado.
Botaríamos esse Besouro
no canto mais nobre da gruta. Mas
a gruta não tinha
canto mais nobre. Logo apareceu

um lírio pensativo
de sol. De seguida o mesmo lírio
pensativo de chão.

Pensamos que sendo o lírio um bem
da natureza

prezado por Cristo resolvemos dar o
nome ao trabalho

de Lírio pensativo de Deus. Ficou
sendo. Logo fizemos

a Borboleta beata. E depois fizemos
Uma idéia

de roupa rasgada de bunda. E A
fivela de prender silêncios.

Depois elaboramos A canção para a
lata defunta.

E ainda a seguir: O parafuso de veludo, O prego que farfalha, O alicate cremoso. E por último aproveitamos para imitar Picasso com A moça com o olho no centro da testa. Picasso desregulava a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia à parte.

Bocó

v



Quando o moço estava a catar caracóis e pedrinhas na beira do rio até duas horas da tarde, ali também Nhá Velina Cuê estava. A velha paraguaia de ver aquele moço a catar caracóis

na beira do
rio até duas horas da tarde,
balançou a cabeça
de um lado para o outro ao gesto
de quem estivesse
com pena do moço, e disse a
palavra bocó. O moço
ouviu a palavra bocó e foi para casa
correndo
a ver nos seus trinta e dois
dicionários que coisa
era ser bocó. Achou cerca de nove
expressões que
sugeriam símiles a tonto. E se riu
de gostar. E
separou para ele os nove símiles.

Tais: Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. É um que descobriu que as tardes fazem parte de

haver beleza nos pássaros. Bocó é
aquele que
olhando para o chão enxerga um
verme sendo-o.

Bocó é uma espécie de sânie com
alvoradas. Foi
o que o moço colheu em seus trinta
e dois
dicionários. E ele se estimou.

Nomes

VI



O dicionário dos meninos
registrasse talvez
àquele tempo
nem do que doze nomes.
Posso agora nomear nem do que
oito: água,
pedras, chão, árvore, passarinhos,
rã, sol,
borboletas...

Não me lembro de outros.

Acho que mosca fazia parte.

Acho que lata também.

(Lata não era substantivo de raiz
moda água,

sol ou pedras, mas soava para nós
como se

fosse raiz.)

Pelo menos a gente usava lata
como se usássemos

árvore ou borboletas.

Me esquecia da lesma e seus
risquinhos de

esperma nas tardes do quintal.

A gente já sabia que esperma era a
própria

ressurreição da carne.

Os rios eram verbais porque

escreviam torto

como se fossem as curvas de uma

cobra.

Lesmas e lacraias também eram

substantivos

verbais

Porque se botavam em movimento.

Sei bem que esses nomes

fertilizaram a minha

linguagem.

Eles deram a volta pelos primórdios

e serão

para sempre o início dos cantos do

homem.

Disprezo

VII



Desprezo era um lugarejo. Acho que lugar desprezado é mais triste do que abandonado. Não sei por quê caminhos o mundo me tirou do Desprezo para este Posto de gasolina na estrada que vai pra São Paulo. Acho quase um milagre. Quando a gente morava no

Desprezo

ele já era desprezado. Restavam

três casas em

pé. E três famílias com oito gurus

que corriam

pelas estradas já cobertas de mato.

Eu era um

dos oito gurus. Agora estou aqui

botando

gasolina para os potentados.

Naquele tempo

do Desprezo eu queria ser chão,

isto ser:

para que em mim as árvores

crescessem. Para

que sobre mim as conchas se
formassem. Eu
queria ser chão no tempo do
Desprezo para
que sobre mim os rios corressem.
Me lembro
que os moradores do Desprezo,
incluindo os
oito guris, todos queriam ser aves
ou coisas
ou novas pessoas. Isso quer dizer
que os
moradores do Desprezo queriam
ficar livres
para outros seres. Até ser chão
servia como

era o meu caso. Ninguém era responsável pelas preferências dos outros. Nem isso era uma brincadeira. Podia ser um sonho saído do Desprezo. Uma senhora de nome Ana Belona queria ser árvore para ter gorjeios. Ela falou que não queria mais moer solidão. Tinha um homem com o olhar sujo de dor que catava o cisco mais nobre do lugar para construir outra

casa. Não
sei por quê aquele homem com
olhar sujo de dor
queria permanecer no Desprezo. Eu
não sei
nada sobre as grandes coisas do
mundo, mas
sobre as pequenas eu sei menos.

Gramática do Povo Guató

VIII



Rogaciano era índio Guató. Mas eu o conheci na condição de bugre. (Bugre é índio desaldeiado, pois não?) Ele andava pelas ruas de Corumbá bêbedo e sujo de catar papel por um gole de pinga no bar de Nhana. De tarde esfarrapado e

com fome se encostava à parede de casa. A mãe

fez um prato de comida e eu levei para Rogaciano.

Ficamos a conversar. Ele ria pelas gengivas e

mandava pra dentro feijão com arroz. O bife

escorregava de gordura pelos beiços desse bugre.

Rogaciano limpava a gordura com as costas da mão.

Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever.

Mas seu avô que era o Chamã daquele povo lhe

ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a Gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava de uma só frase: Os verbos servem para emendar os nomes. E botava exemplos: Bentevi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava o bentevi com o chão. E mais: O cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano

sobre a Gramática
do seu povo. Falou mais dois
exemplos: Mariano
perguntou: – Conhece fazer canoa
pessoa? – Periga
Albano fazer. Respondeu.
Rogaciano, ele mesmo,
não sabia nada, mais ensinava essa
fala sem
conectivos, sem bengala, sem
adereços para a
gurizada. Acho que eu gostasse de
ouvir os nadas
de Rogaciano não sabia. E aquele
não saber me mandou de
curioso para estudar lingüística. Ao

fim me pareceu
tão sábio o Chamã dos Guatós
quanto Sapir.

Sobre importâncias

IX



Um fotógrafo-artista me disse
outra vez: Veja
que pingote de sol no couro de um
lagarto é
para nós mais importante do que o
sol inteiro
no corpo do mar. Falou mais: que a
importância

de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E

um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (Veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que

uma Usina Nuclear.

Sem precisar medir o ânus da

formiga. Que o

canto das águas e das rãs nas

pedras é mais

importante para os músicos do que

os ruídos

dos motores da Fórmula 1. Há um

desagero em mim

de aceitar essas medidas. Porém

não sei se isso é um defeito do

olho ou da razão. Se é defeito da

alma ou do

corpo. Se fizerem algum exame

mental em mim por

tais julgamentos, vão encontrar que

eu gosto
mais de conversar sobre restos de
comida com
as moscas do que com homens
doutos.

Aula

X



Nosso Profe. de latim, Mestre Aristeu, era magro e do Piauí. Falou que estava cansado de genitivos dativos, ablativos e de outras desinências. Gostaria agora de escrever um livro. Usaria um idioma de larvas incendiadas. Epa! o profe. falseou-ciciou

um colega. Idioma de larvas
incendiadas! Mestre
Aristeu continuou: quisera uma
linguagem que
obedecesse a desordem das falas
infantis do que
as ordens gramaticais. Desfazer o
normal há de
ser uma norma. Pois eu quisera
modificar nosso
idioma com as minhas
particularidades. Eu queria
só descobrir e não descrever. O
imprevisto fosse
mais atraente do que o déjà visto.
O desespero

fosse mais atraente do que a
esperança. Epa! o
profe. desalterou de novo – outro
colega nosso
denunciou. Porque o desespero é
sempre o que não
se espera. Verbi gratia: um tropicão
na pedra
ou uma sintaxe insólita. O que eu
não gosto é
de uma palavra de tanque. Porque
as palavras do
tanque são estagnadas, estanques,
acostumadas.
E podem até pegar mofo. Quisera

um idioma de larvas
incendiadas. Palavras que fossem
de fontes e não
de tanques. E um pouco exaltado o
nosso profe.

disse: Falo de poesia, meus
queridos alunos. Poesia
é o mel das palavras! Eu sou um
enxame! Epa!...

Nisso entra o diretor do Colégio que
assistira

a aula de fora. Falou: Seo Enxame
espere-me no
meu gabinete. O senhor está
ensinando bobagens
aos nossos alunos. O nosso mestre

foi saindo da
sala, meio rindo a chorar.

Abandono

XI



A gente morava na última casa de uma rua. Depois o mato começava. Dois trilheiros entravam pelo mato. Um trilheiro dava no rancho de Nhá Velina Cuê que comia feijão com arara, quati com abóbora e cobra com mandioca. O outro trilheiro esbarrava

no rio. Os meninos brincavam nus
no rio entre
pássaros. Tinha um Bolivianinho,
boliviano pé
de pano entre os guris. E um
Gonçalo pé de galo
orelha de meu cavalo. Acho que o
pé de pano do
boliviano era só para trovar. Assim
como o pé de
galo do Gonçalo. Descobri nesse
tempo que os
apelidos pregam mais quando
trovam. Depois descobri
naquele lugar a palavra abandono.

A palavra funcionava dentro e fora das pessoas. Eu não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar. Eu conhecia a palavra só de nome. Mas não conhecia o lugar que pegava abandono. Por antes a força da palavra é que me dava a noção. Mas em vista do que vi o olhar reforça a palavra. O olhar segura a palavra na gente. O cheiro e o

amor do lugar
também participam. Todos os seres
daquele lugar
me pareciam perdidos na terra,
bem esquecidos como
um lápis numa península. Mas Nhá
Velina Cuê me
falou: este abandono me protege.
Acho que esse
paradoxo reforça mais a poesia do
que a verdade.

Um olhar

XII



Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas

tinham que mudar
de comportamento. Aliás, a moça
me contou uma vez
que tinha encontros diários com as
suas contradições.

Acho que essa freqüência nos
desencontros ajudava
o seu ver oblíquo. Falou por
acréscimo que ela
não contemplava as paisagens. Que
eram as paisagens
que a contemplavam. Chegou de ir
no oculista. Não
era um defeito físico falou o
diagnóstico. Induziu
que poderia ser uma disfunção da

alma. Mas ela
falou que a ciência não tem lógica.
Porque viver
não tem lógica – como diria a nossa
Lispector.

Veja isto: Rimbaud botou a Beleza
nos joelhos e
viu que a Beleza é amarga. Tem
lógica? Também ela
quis trocar por duas andorinhas os
urubus que
avoavam no Ocaso de seu avô. O
Ocaso de seu avô
tinha virado uma praga de urubu.
Ela queria trocar

porque as andorinhas eram
amoráveis e os urubus
eram carniceiros. Ela não tinha
certeza se essa
troca podia ser feita. O pai falou
que verbalmente
podia. Que era só despraticar as
normas. Achei certo.

Aventura

XIII



Achamos na beira do rio um sapo seco, e um pote. O pote estava de barriga aberta ao sol. (Depois eu falo do sapo.) Nas enchentes nem quase que não entravam as águas para dentro do pote. Por forma que o pote era seco e aberto aos ventos. Os bons

ventos da tarde que entravam com
areia e cisco

pelo ventre aberto do pote.

(Demoramos de dois
anos para voltar àquele retiro.)

Agora, de volta,

achamos o pote tibi de

emprenhado. A barriga do

pote fosse agora um canteiro

arrumado. Estava bom

de criar. Foi que veio daí um

passarinho e cagou

na barriga do pote uma semente de

roseira. As

chuvas e os ventos deram à

gravidez do pote forças

de parir. E o pote pariu rosas. E
esplendorado
de amor ficou o pote! De amor, de
poesia e de rosas.
E havia perto, por caso, um sapo
destripado e seco.
A abertura do ventre do sapo
também se enchera
de areia e cisco. Também se fizera
ele um canteiro
arrumado. Foi que outro passarinho
veio e cuspiu
outra semente de rosa no ventre do
sapo. E outra
rosa nasceu na primavera. Foi um

dia de glória
para o nosso olhar. As rosas do
sapo e do pote
foram abençoadas de borboletas
que pousavam nas
roseiras. Houvemos júbilo!

Aprendimentos

XIV



O filósofo Kieckegaard me ensinou que cultura é o caminho que o homem percorre para se conhecer. Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim falou que só sabia que não sabia nada. Não tinha as certezas científicas. Mas que

aprendera coisas
di-menor com a natureza. Aprendeu
que as folhas
das árvores servem para nos
ensinar a cair sem
alardes. Disse que fosse ele um
caracol vejetado
sobre pedras, ele iria gostar. Iria
certamente
aprender o idioma que as rãs falam
com as águas
e ia conversar com as rãs. E
gostasse mais de
ensinar que a exuberância maior
está nos insetos
do que nas paisagens. Seu rosto

tinha um lado de
ave. Por isso ele podia conhecer
todos os pássaros
do mundo pelo coração de seus
cantos. Estudara
nos livros demais. Porém aprendia
melhor no ver,
no ouvir, no pegar, no provar e no
cheirar. Chegou
por vezes de alcançar o sotaque
das suas origens.
Se admirava de como um grilo
sozinho, um só pequeno
grilo, podia desmontar os silêncios
de uma noite!

Eu vivi antigamente com Sócrates,
Platão, Aristóteles –
esse pessoal. Eles falavam nas
aulas: Quem se
aproxima das origens se renova.
Píndaro falava pra
mim que usava todos os fósseis
lingüísticos que
achava para renovar sua poesia. Os
mestres pregavam
que o fascínio poético vem das
raízes da fala.
Sócrates falava que as expressões
mais eróticas
são donzelas. E que a Beleza se
explica melhor

por não haver razão nenhuma nela.
O que de mais eu sei
sobre Sócrates é que ele viveu uma
ascese de mosca.

Tempo

XV



Eu não amava que botassem data na minha existência.

A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data

maior era o quando. O quando mandava em nós. A

gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio.

Assim, por exemplo: tem hora que

eu sou quando uma
árvore e podia apreciar melhor os
passarinhos. Ou:
tem hora que eu sou quando uma
pedra. E sendo uma pedra
eu posso conviver com os lagartos e
os musgos. Assim:
tem hora eu sou quando um rio. E
as garças me beijam
e me abençoam. Essa era uma
teoria que a gente inventava
nas tardes. Hoje eu estou quando
infante. Eu resolvi
voltar quando infante por um gosto
de voltar. Como
quem aprecia de ir às origens de

uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou quando infante. Agora nossos irmãos, nosso pai, nossa mãe e todos moramos no rancho de palha perto de uma aguada. O rancho não tinha frente nem fundo. O mato chegava perto, quase roçava nas palhas. A mãe cozinhava, lavava e costurava para nós. O pai passava o seu dia passando arame nos postes de cerca. A gente brincava no terreiro de

cangar sapo, capar gafanhoto e
fazer morrinhos de
areia. Às vezes aparecia na beira do
mato com a sua
língua fininha um lagarto. E ali
ficava nos cubando.

Por barulho de nossa fala o lagarto
sumia no mato,
folhava. A mãe jogava lenha nos
quatis e nos bugios
que queriam roubar nossa comida.
Nesse tempo a gente
era quando crianças. Quem é
quando criança a natureza
nos mistura com as suas árvores,
com as suas águas,

com o olho azul do céu. Por tudo
isso que eu não
gostasse de botar data na
existência. Por que o
tempo não anda pra trás. Ele só
andasse pra trás
botando a palavra quando de
suporte.

Um doutor

XVI



Um doutor veio formado de São Paulo. Almofadinha. Suspensórios, colete, botina preta de presilhas. E um trejeito no andar de pomba rolinha. No verbo, diga-se de logo, usava naftalina. Por caso, era um pernóstico no falar. Pessoas

simples da cidade
lhe admiravam a pose de doutor.
Eu só via o casco.
Fomos de tarde no Bar O Ponto.
Ele, meu pai e este
que vos fala. Este que vos fala era
um rebelde
adolescente. De pronto o Doutor
falou pra meu
pai: Meus parabéns Seo João,
parece que seu filho
agora endireitou! E meu pai: Ele
nunca foi torto.
Pintou um clima de urubu com
mandioca entre nós.
O doutor pisou no rabo, eu pensei.

Ele ainda

perguntou: E o comunismo dele?

Está quarando

na beira do rio entre as capivaras, o

pai respondeu.

O doutor se levantou da mesa e

saiu com seu

andar de vespa magoada.

Pelada de barranco

XVII



Nada havia de mais prestante em nós senão a infância.

O mundo começava ali. Nosso campo encostava na beira do rio. Um menino Guató chegava de canoa e embicava no barranco. Teria remado desde cedo para vir ocupar a posição de golquíper no Porto de Dona Emília Futebol Clube. Nosso valoroso time. As cercas laterais do campo

eram de cansanção. Espinheiro
fechado pra ninguém botar
defeito. Guató já trazia do barranco
duas pedras para servir
de balizas. Os craques desciam da
cidade como formigas.

José de Camos, nosso beque de
espera também tinha a
incumbência de soprar as bexigas.
Porque a nossa bola
era de bexiga, que às vezes caiam
no rio e as piranhas
devoravam. E se caísse no
cansanção os espinhos furavam.
Nosso campinho por miúdo só

permitia times de sete:

O goleiro, um beque de espera, um beque de avanço e

três na linha. Chambalé nosso técnico impunha regras:

só pode mijar no rio e não pode jogar de botina.

Sabastião era centroavante.

Chutava no rumo certo. Sabia as variações da bexiga no vento e botava no grau certo.

Quando alguém enfiava as unhas na pedra abria uma vaga.

Metade de nossos craques eram filhos de lavadeiras e outra metade de pescadores. Na

aba do campo a namorada do Sabastião torcia: quebra esse saba, destina eles pras piranhas. Mas Chambalé não deixava destinar. Quem destina é Deusi – falava. No fim do jogo alguns iam bater bronha, outros iam no mato jogar o mantimento e outros iam pelotear passarinho. Guató pegava a canoa e remava até a aldeia a mil metros dali. A cidade onde a gente morava foi feita em cima de uma pedra branca enorme. E o rio

paraguaio, lá embaixo, corria com
suas piranhas
e os seus camalotes.



Martha Barros

As iluminuras deste livro são de autoria de Martha Barros, pintora nascida no Rio de Janeiro, filha de Manoel de Barros. Como ilustradora, Martha já trabalhou em outros livros do poeta, tais como: Livro de pré-coisas, Ensaios fotográficos, Tratado geral das grandezas do ínfimo, O livro das ignorâncias, todos publicados pela Editora Record.

O talento de Martha Barros vem chamando a atenção de nomes consagrados da pintura brasileira. Sobre as iluminuras publicadas

neste livro, o pintor Luiz Aquila diz:
“Na última visita que fiz ao ateliê de Martha, pude ficar mais familiarizado com o seu mundo, sua fauna e sua flora. Pequenos personagens que ora lembram animais, ora plantas ou as duas coisas juntas. O acúmulo ou a seqüência de seus elementos encaminham a visão e organizam a superfície para a artista e para quem a vê. As cores que usa são transparentes e, muitas vezes, deixam ver desenhos preexistentes nos tecidos que ela escolhe como suporte.

Martha é uma artista envolvida com

o seu trabalho, perspicaz, sensível e inteligente”.



Copyright © Manoel de Barros 2006
Copyright Iluminuras © Martha Barros
2006

Coordenação Editorial
Pascoal Soto

Projeto Gráfico
José Carlos Lollo

Produção Gráfica
Claudionor Martim

Fotografias
Jaime Acioli

ISBN: 9788576655756

Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Francisco Matarazzo, 1500 - Ed. New
York - 3º andar - Cj. 32B
Cep 05001-100 - São Paulo - SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br